

# Traduzir para conhecer: Marie Octavie Coudreau – viajante e exploradora francesa dos afluentes do Rio Amazonas durante o século XIX

Letícia Fiera<sup>1</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina

**Resumo:** Este artigo propõe discutir a importância da sociologia da tradução (Bourdieu, Sapiro) para a compreensão do fenômeno tradutório ao dar visibilidade para as mulheres viajantes do século XIX no Brasil. Especialmente, a francesa Marie Octavie Coudreau que comandou sozinha a tripulação na exploração geográfica do norte do Brasil consolidando os pilares de uma ordem econômica expansionista centrada no reconhecimento da diversidade dos recursos naturais da floresta amazônica. Entendemos que os relatos de viagem dos exploradores europeus colaboram para entender a Amazônia como uma construção discursiva, logo representa um painel vivo sobre a floresta ao descrever e problematizar a relação entre o homem e ecologia. Assim, o debate sobre a ecotradução (Cronin, Torres) investiga o efeito dos humanos no ambiente global, apresenta implicações na forma como a tradução pode desempenhar um papel relevante na sobrevivência e na sustentabilidade das sociedades, culturas e línguas humanas. Logo, a visibilidade do tradutor (Venuti) durante o processo tradutório pressupõe uma escrita que respeite os materiais culturais preexistentes, selecionados pelo autor dando ênfase para os efeitos da tradução como imprevisíveis e determinados por muitos fatores culturais e sociais diferentes. Como resultado os estudos descritivistas da tradução (Toury, Lambert) apontam que o processo da tradução pode ser regulado por um conjunto de critérios nos quais aspectos funcionalmente relevantes de uma determinada atividade tradutória em seu contexto histórico, suas características textuais, sua recepção e aspectos sociológicos como distribuição e crítica da tradução desempenham um papel muito importante na cultura de chegada para o desenvolvimento dos sistemas culturais.

**Palavras-chaves:** Sociologia da Tradução. Mulheres exploradoras. Visibilidade. Ecotradução.

## *Translating and knowing Marie Octavie Coudreau – French traveller and explorer of Amazon River affluents during the nineteenth century*

**Abstract:** This article proposes a discussion regarding the sociology of translation (Bourdieu, Sapiro) and its importance considering the comprehension of the translation phenomenon giving visibility to women that travelled in Brazil during the nineteenth century. More specifically, we focus on the French traveller Marie Octavie Coudreau, that singlehanded commanded a crew that explored the geography of the Brazilian North region, reinforcing an expansionist economical order centred in the recognition of Amazon Forest's diverse natural resources. We consider that travel journals and diaries of European explorers can contribute to understand the Amazon as a discursive construction, representing a living image about the forest when describing and problematizing the relationship between men and ecology. Therefore, the debate about eco-translation (Cronin, Torres), investigates the effects of human beings in the global environment, and presents implications on how translation could develop a relevant role in the survival and sustainability of societies, cultures and human languages. Thus, translator's visibility and authorship issues (Venuti), during the translation process, presupposes a type of writing that respects the pre-existing cultural materials selected by the author, highlighting the translation effects as unpredictable and determined by many different cultural and social aspects. As our results, considering the descriptive studies of translation (Toury, Lambert), the process of translation could be regulated by a set of criteria in which functionally relevant aspects of a certain translation activity, within an historical context, considering textual characteristics, reception, and sociological aspects such as distribution and translation criticism, play an important role in the target culture and in the development of cultural systems.

**Keywords:** Sociology of Translation. Women explorers. Visibility. Eco-translation.

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina e docente na Secretaria de Educação do Estado de Santa Catarina. E-mail: leticia.fiera@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0310-0800>.

A sociedade contemporânea está imersa no mercado globalizado, nesse contexto a globalização sob o domínio da finança<sup>2</sup>, o poder econômico e financeiro ocupam um espaço importante no mercado de trocas simbólicas (BOURDIEU, 1999). Bourdieu (1999) observa que o campo editorial está cada vez mais dominado por grandes grupos econômicos, que tendem a impor critérios de rentabilidade e modos de funcionamento comerciais em detrimento da lógica literária e cultural, ao mesmo tempo em que o campo editorial tornou-se uma das principais indústrias culturais para a produção e circulação de sentidos sociais. Destarte, o campo editorial nos permite compreender as relações entre os agentes sociais em sua atividade profissional, no que diz respeito a valores e disputas de poder aí envolvidos e, também, para refletir sobre as práticas sociais como lugares de produção simbólica.

Nesse sentido, a perspectiva da sociologia da tradução representa uma importante compreensão para o fenômeno tradutório no campo editorial, pois ela se distancia de uma problemática centrada na relação entre dois textos (o original e o traduzido) e busca compreender os seguintes aspectos: a estrutura do espaço das trocas culturais internacionais, os tipos de exigências (políticas e econômicas) que pesam sobre tais trocas, os agentes da intermediação, e os processos de importação e de recepção no país de destino (BOURDIEU, 1999). Portanto, as trocas literárias convertidas em trocas culturais entre países revelam as tendências no funcionamento do espaço de circulação internacional de bens simbólicos. O mercado dos bens simbólicos tem, com efeito, seus próprios critérios de hierarquização e uma economia que lhe são próprios (Bourdieu, 1977; 1993). No livro *Teóricas da Tradução*, organizado por Amarante *et al.*, publicado em 2021, pela editora Cultura e Barbárie, a socióloga da tradução Gisèle Sapiro (2021) destaca o papel da sociologia no processo tradutório. Sapiro (2021) considera esta abordagem mais interessante, uma vez que observa a tradução como atividade social que levanta questões interessantes para diferentes domínios sociológicos, como: a sociologia das profissões; a sociologia da cultura; o estudo de intercâmbios culturais internacionais; funções e campos sociais – mais especificamente, o campo político, o campo econômico (editorial) e o campo literário; as condições sociais de circulação de ideias, e a epistemologia das ciências humanas e sociais.

Assim, a sociologia das traduções se inscreve no programa proposto por Pierre Bourdieu (2002) sobre as condições sociais da circulação internacional dos bens cultu-

---

<sup>2</sup> A atual fase do capitalismo conhecida como globalização nasce da combinação entre as inovações tecnológicas advindas da indústria eletrônica e consubstanciada na popularização e difusão da informática com a desregulamentação dos mercados em suas três esferas (comercial, investimentos e financeira) a partir do final dos anos 1970. Têm-se, portanto, duas determinações causais, uma de origem técnica e outra de origem política que agem simultaneamente, embora essa segunda ordem de fatores tenda a ser subestimada por um discurso ideológico que sublinha a natureza “moderna” e “irreversível” das transformações ocorridas nos últimos 25 anos. Ver Chesnais, 2004.

rais. Compreender o ato de traduzir supõe observar que o fenômeno está imbricado em relações de força entre países e suas línguas. O espaço internacional no qual essas relações de forças se aglutinam podem ser regidos por três principais lógicas: a das relações políticas entre os países (relação política), a do mercado internacional do livro (relação econômica) e a das trocas culturais (relação cultural), no seio das quais as trocas literárias podem gozar de certa autonomia (HEILBRON & SAPIRO, 2009).

Consideramos os estudos acerca dos relatos de viagens das mulheres do século XIX, realizada pelo território amazônico como um gênero literário cujo corpus funciona como fonte primária, tanto para o campo da historiografia quanto para os estudos da tradução. Assim, resgatar a participação das mulheres viajantes escritoras no panorama da sociedade civil na interpretação dos intercâmbios econômico, político, linguístico e cultural, principalmente sobre as considerações etnográficas e naturalistas daquela quadratura histórica nos permite considerá-las como tradutores transculturais, como definiu Heintze (2011). Logo, a noção de exploração e descobrimento do ambiente natural se torna a principal temática dos relatos de viagem das expedições do século XIX, ao colocar a floresta Amazônica como foco narrativo central, mas também das diferentes formas resistências dos povos originários no contexto do encontro colonial.

### **A importância de conhecer Marie Octavie Coudreau**

Marie Octavie Coudreau (1867-1938)<sup>3</sup> acompanhou o marido Henri Coudreau<sup>4</sup> nas explorações através dos afluentes do rio Amazonas. Após a morte de Henri Coudreau<sup>5</sup>, ela comandou sozinha a tripulação na exploração geográfica do norte do Brasil, entre os estados do Amapá e Pará, consolidando os pilares de uma ordem econômica expansionis-

---

<sup>3</sup> Marie Octavie Coudreau (nascida Marie Octavie RENARD). Nasceu em 30 de abril de 1867, em Anais, Charente, Poitou-Charentes, França. Faleceu em 06 de fevereiro de 1938, em Sonnac, Charente Maritime, Poitou-Charentes, França, com a idade de 70 anos. Estas informações estão disponíveis em <https://gw.geneanet.org/depar?n=renard&oc=&p=marie+octavie>. Acesso em 17 set 2022.

<sup>4</sup> Henri Anatole-Coudreau, geógrafo e viajante francês realizou expedições pela Amazônia nas últimas décadas do século XIX. Primeiramente, a serviço do governo francês, com o objetivo de explorar as fronteiras entre a Guiana Francesa e o Brasil. Entre os anos de 1883 a 1885, Henri Coudreau viajou pela Amazônia, pelos territórios contestados pelo Brasil e França, entre Oiapoque e Araguari, chegando a Macapá e às fronteiras da Colômbia. Entre 1887 e 1889, realizou duas missões para o Ministério de Instrução Pública francês, na região do Maroni e Oiapoque e chegou ao monte Tumucumaque. Nessa época, recebeu suporte financeiro também da Sociedade de Geografia da França. Posteriormente, entre os anos 1895 e 1899, comandou cinco expedições patrocinadas pelo governo paraense de Lauro Sodré e Paes de Carvalho, com a finalidade de levantar e realizar estudos geográficos, linguísticos, etnográficos, econômicos, sociais e estatísticos do estado (COELHO, BENCHIMOL, MIRANDA, 2019).

<sup>5</sup> Henri Coudreau morre de malária em 09 de novembro de 1899 durante a expedição do casal ao longo do rio Trombetas.

ta centrada no reconhecimento da diversidade dos recursos naturais da floresta amazônica em benefício do interesse do capital estrangeiro. Além disso, os relatos trazem descrições importantes sobre o comportamento econômico, ao modo de exploração dos produtos da floresta e da valorização dos recursos naturais (COELHO, BENCHIMOL, MIRANDA, 2019). Portanto, a presença da francesa Marie Octavie Coudreau (daqui em diante O. Coudreau) em terras brasileiras, a partir da segunda metade do século XIX, evidencia a fase de expansão capitalista mundial e o imperialismo em áreas fronteiriças da Amazônia Setentrional. A Figura 1 é uma reprodução fotográfica de Marie Octavie Coudreau, realizada por Henri Coudreau em 1897, durante a viagem ao rio Itaboca e Itacayuna.



Fotografia 1 – Marie Octavie Coudreau (1897). Fonte: BNF, 2022.

O. Coudreau é considerada a única exploradora francesa a desbravar o rio Amazonas e a contribuir para o conhecimento da margem esquerda da bacia ao registrar as expedições por meio de mapas, desenhos, fotografias e coletas de objetos significativos das diferentes etnias indígenas com os quais manteve contato<sup>6</sup>. De acordo com Souza Filho, (2012, p. 12) o casal Coudreau foi um dos primeiros exploradores a trazer material fotográfico para as expedições na América. O. Coudreau, portanto divide a tarefa de fotógrafo e “seguramente foi a primeira mulher a fotografar a Amazônia e suas gentes”.

A viajante e exploradora francesa O. Coudreau deu título a seus diários de viagens os nomes dos rios e dos afluentes que foram explorados em suas grandes extensões pela sua tripulação. Ela publicou, além do livro *Voyage au Trombetas* (1899) cuja autoria está dividida com o marido Henri Coudreau, mais 4 livros de relatos das viagens sobre a região

<sup>6</sup> Segundo Coelho et al. (2019) dois museus apresentam em seus acervos etnográficos alguns objetos coletados durante as explorações da família Coudreau, entre 1897 e 1898, das diferentes etnias com as quais manteve contato: Parintintin (Rio Tapajós), Tapayuna (Rio Tapajós) e Juruna/ Yudjá (Rio Xingu): o Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém, no estado de Pará, e o Museu de Quai Branly, em Paris, na França.

norte do Brasil. São eles: *Voyage au Cuminá* (1900), grandes afluentes da margem esquerda do rio Amazonas, além de *Voyage a Curuá* (20 novembro de 1900 – 7 março 1901), *Voyage a Mapuera* (21 abril de 1901 – 24 dezembro de 1902) e *Voyage au Maycurú* (5 junho 1902 – 12 janeiro de 1903), todos publicados pela editora Lahure, com sede em Paris.

Os relatos viagens de exploração do novo mundo trazem, portanto uma intersecção com a presença de Marie Octavie Coudreau na construção de suas próprias narrativas de viagem. Isto nos conduz a observar uma perspectiva singular cuja existência de mulheres narradoras em missão científica exploratória ocorreu durante o século XIX. É importante o resgate histórico de obras escritas por mulheres viajantes<sup>7</sup> ao longo do século XIX, pois algumas das estratégias desenvolvidas por mulheres letradas para verem suas obras publicadas se manifestava pela assinatura reduzida à letra inicial de seu nome ou ao uso de nomes masculinos. Dessa forma, cabe considerar como dado objetivo que os livros assinados por Marie Octavie Coudreau eram assinados pelo uso da abreviação de seu segundo nome Octavie seguida do nome de família do esposo. - O. Coudreau. Segundo Souza Filho (2012, p. 17) o uso da breviação “O. Coudreau”, que utilizava com frequência, deu margem a erro em relação ao nome próprio da viajante francesa “é comum encontrar o seu nome grafado como Olga, Otile, Otília, Odília, Otávia, Ondine, Otille etc”. A Figura 1 representa a reprodução da capa do livro *Voyage au Cuminá*, realizada em 1900, na qual o nome do Octavie Coudreau se encontra abreviado.

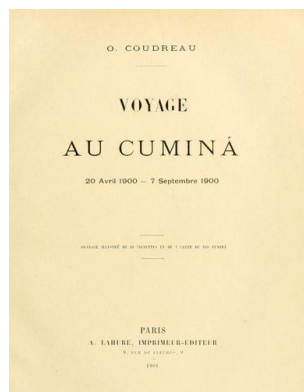


Figura 1 – Capa do livro *Voyage au Cuminá* (1900). Fonte: BNF, 2022.

<sup>7</sup> Podemos citar o nome de algumas mulheres viajantes que passaram pelo Brasil entre 1800 e 1850 e que publicaram livros de relatos sobre suas experiências: Rose de Freycinet (1817–1820), Maria Graham (1821–1824), Langlet Dufresnoy (1837–1839), Baronesa de Langsdorff (1842–1843) e Ida Pfeiffer (1846) (LEITE, 2015).

## O Amazonas como construção discursiva

A importância da descoberta das terras Amazônicas trouxe várias expedições científicas registradas pelos exploradores em seus registros de diário de viagem durante o século XIX. Assim, a Amazônia surge como uma construção discursiva. É a história dos discursos dos “descobridores”, dos viajantes científicos e dos padres missioneiros, relatos que a construíram em diferentes momentos históricos desde a época de “descobrimento”. Este discurso foi constituído a partir da interação do explorador europeu: espanhol, português, holandês, inglês e francês com os diferentes povos nativos da região.

Consideramos que a narrativa da literatura informativa de viagem realizada pelo território amazônico é um gênero cujo corpus funciona como fonte primária, tanto para o campo da historiografia quanto para os estudos da tradução. Esta pesquisa procura contribuir para os debates acerca das traduções dos relatos de viagens das mulheres do século XIX, a fim de resgatar a participação da francesa Octavie Coudreau no panorama da sociedade civil francesa e brasileira na interpretação dos intercâmbios econômico, político, linguístico e cultural, principalmente sobre as considerações etnográficas e naturalistas daquela quadratura histórica. Logo, a noção de exploração e descobrimento do ambiente natural se torna a principal temática dos relatos de viagem das expedições do século XIX, ao colocar a floresta Amazônica como foco narrativo central. O período de ocupação da Amazônia está fortemente marcado pelo ponto de vista do europeu. As cartografias realizadas durante as explorações dos rios e afluentes revelam a necessidade de conhecer e fazer ser reconhecido os espaços destes cantões do Brasil. A figura 2 é uma cartografia do Rio Cuminá realizada por Octavie Coudreau, em 1900.

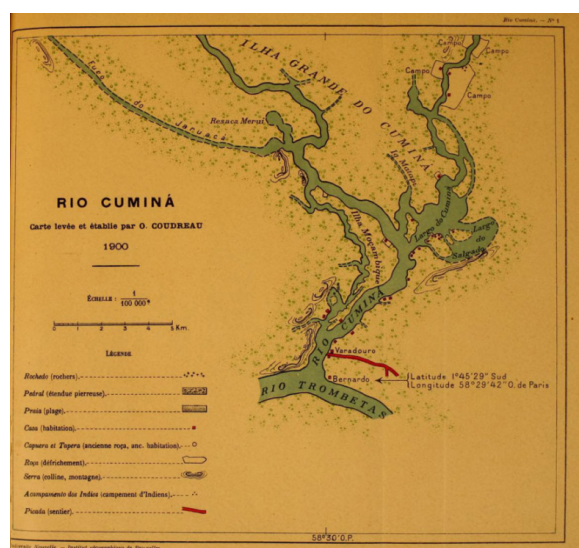


Figura 2 Cartografia do afluente rio Cuminá realizada por O. Coudreau (1900). Fonte: BNF, 2022.

## **A ecotradução como campo privilegiado das relações orgânicas**

A valorização da ética em relação à preservação na narrativa histórica sobre as relações orgânicas entre humano e natureza (TORRES, 2021) se torna um elemento fundamental para compreender as ideias dominantes do período. É nossa preocupação não cometermos nenhum tipo de anacronismo, com os relatos de viagens em relação ao mundo contemporâneo, atribuindo a eles significados que não estejam relacionados ao seu tempo. Porém, retornar aos estudos da literatura de viagem produzida no século XIX nos permite orientar e identificar de que forma as considerações etnográficas e naturalistas foram compreendidas pelas mulheres nos enquadramentos de seu tempo histórico.

Nesta perspectiva a ecologia surge como uma questão primordial, ampla e complexa, pois ela visa buscar o entendimento do funcionamento da natureza ao apresentar as relações entre os seres vivos habitantes de seu próprio ecossistema e também com a interação com os humanos. Em estudo oportuno, Michael Cronin (2003, 2017) investiga como a perspectiva do efeito dos humanos no ambiente global, apresenta implicações na forma como a tradução pode desempenhar um papel importante na sobrevivência e na sustentabilidade das sociedades, culturas e línguas humanas. Cronin procura repensar a tradução como uma abordagem interdisciplinar, na qual o tradutor surge como mediador entre línguas a fim de contribuir “à verdadeira diversidade biocultural do planeta” (Cronin 2003, p. 167). Cronin considera que a tradução – visto como um corpo de ideais e um conjunto de práticas – é central para pensar a interconexão e a vulnerabilidade na era das mudanças climáticas induzidas pelo homem (CRONIN, 2017). Dessa forma, ao se posicionar politicamente a favor de uma abordagem ecológica para a tradução, Cronin incita a repensar o processo de tradução e reconsiderar as línguas e culturas do texto-fonte e do texto-alvo envolvidas, a fim de visar a minorização linguística e padrões conceituais culturais dominantes de tradução. Logo, a visão de Cronin (2003; 2017) sobre a ecologia da tradução nos conduz a transcender tais diferenças e sobreviver no enfrentamento coletivo da crise ambiental, pois a tradução surge como uma possibilidade de sobrevivência em um mundo ecologicamente desequilibrado. A definição de ecotradução elaborada por Cronin (2017, p. 2) surge como “todas as formas de pensamento e prática que conscientemente se envolvem com os desafios da mudança ambiental induzida pelo homem”.

Cronin comenta a conexão entre as línguas minoritárias e a legibilidade de paisagens e ecologias:

O que é surpreendente [...] é até que ponto as línguas minoritárias [...] se tornam elas próprias centrais neste processo de recuperação da paisagem do abandono lexical [...] A língua principal, à medida que exclui a minoria linguística, torna-se cada vez mais incapaz de descrever o mundo natural e físico no qual vivem seus falantes. A opacidade do mundo revela a arrogância descritiva e empobrecida de uma língua que perde mais perspectivas ao passo que ganha mais falantes. (CRONIN, 2017, p. 142).

É a partir deste problema que Torres (2021) apresenta a ecotradução como a apreensão da tradução da relação entre a natureza e a literatura em diversos contextos culturais e considerando-a, portanto como todas as formas de pensamento e prática de tradução que envolva a ecologia. Em relação ao processo de minorização linguística e ao conceito de ecologia, aqui referido, formulamos alguns questionamentos para direcionar nossa perspectiva: qual é o conceito de ecologia para os povos originários?; como podemos entender o binômio terra-floresta?. Enfim, compreender a cosmologia dos povos originários pertencentes a região amazônica poderá nos oferecer uma maior acuidade e rigor diante da ecotradução.

No que se refere tanto a ética do tradutor quanto a ecotradução, pretendemos seguir as reflexões de Antoine Berman e Marie Héléne Torres. Para Berman (2013), a deontologia do papel do tradutor supõe que o texto traduzido deve procurar reproduzir, conforme considera Torres (2021): o ambiente, estilo, sentidos, poeticidade, dramaticidade etc. em relação ao texto de partida. Logo, para Berman (2013) a ética da tradução deve partir do texto original em direção ao texto traduzido com a mesma acuidade axiomática no que se refere aos sentidos de efeito. Assim, os rios e afluentes do Amazonas foram alvos de muitas declarações e descrições feitas por exploradores e demonstram as inquietações e o desconhecimento dos rios e suas margens. As afirmações mostram o quanto o rio Amazonas e seus afluentes foram registrados e notadamente considerados, pois naquela época notoriamente o rio comandava a vida dos viajantes. Neste sentido, Torres (2021) dá ênfase à dificuldade no processo tradutório de encontrar um equivalente correspondente na cultura de partida um nome próprio pertencente à fauna, flora ou outra localidade transcrito, isto é, adaptado foneticamente na língua de chegada ou transliterando uma parte do “original”. É a partir deste problema que Torres (2021) apresenta a ecotradução como a apreensão da tradução da relação entre a natureza e a literatura em diversos contextos culturais e considerando-a, portanto como todas as formas de pensamento e prática de tradução que envolva a ecologia. Dessa maneira, a ecotradução também surge como campo privilegiado das relações orgânicas entre humano e natureza no movimento de convergência entre pesquisadores interessados nas culturas antigas e autóctones.



Teóricos do estudo da tradução (GENETTI, 2009; LAMBERT, 2017; VENUTI, 2019) reconhecem que o campo de estudo é frequentemente permeado pela interface de diversas teorias e metodologias do âmbito literário, análise do discurso, semiótico e sociológico. Na abordagem dos estudos descritivistas da tradução, especialmente em Toury (2012) e Lambert (2017), o processo da tradução pode ser regulado por um conjunto de critérios, como considera Lambert (2017), no qual todos os aspectos funcionalmente relevantes de uma determinada atividade tradutória em seu contexto histórico, suas características textuais, sua recepção e aspectos sociológicos como distribuição e crítica da tradução desempenham um papel muito importante na cultura de chegada para o desenvolvimento dos sistemas culturais.

A tradução comentada é um percurso importante para o pesquisador da área da tradução já que “(...) além de partir do exercício da tradução em si, trabalha com a crítica e a história da tradução e promove uma autoanálise por parte do tradutor-pesquisador acerca da tradução na sua relação com o comentário.” (TORRES, 2017, p. 15). Dessa forma, o trabalho criterioso do processo crítico pode estar marcado nas escolhas subjetivas e nas próprias fontes de pesquisa como expressão do posicionamento sociocultural e político do tradutor ao realizar uma tradução comentada. Estas observações nos encaminham de pronto as questões sobre a visibilidade do tradutor e a autoria apresentadas por Venuti (2019) durante o processo tradutório. Para Venuti (2019, p. 90), “a tradução pode ser considerada uma forma de autoria, mas uma autoria [...] redefinida como não derivada, não auto-originária”. A autoria pressupõe, portanto “uma escritura que respeite os materiais culturais preexistentes, selecionados pelo autor, organizados numa ordem de prioridade e reescritos de acordo com valores específicos” (VENUTI, 2019, p. 90-91). É nesse sentido que Venuti (2019, p. 96) considera os efeitos da tradução como imprevisíveis e determinados por muitos fatores culturais e sociais diferentes. Além disso, como pondera Freitas (2008) Venuti avalia que o objeto literário deve ser entendido diante de uma contingência ideológica situada em um determinado momento histórico.

### **A visibilidade do tradutor**

Estas observações nos encaminham de pronto as questões sobre a visibilidade do tradutor e a autoria apresentadas por Venuti (2019) durante o processo tradutório. Para Venuti (2019, p. 90), “a tradução pode ser considerada uma forma de autoria, mas uma autoria [...] redefinida como não derivada, não auto-originária”. A autoria pressupõe, portanto “uma escritura que respeite os materiais culturais preexistentes, selecionados

pelo autor, organizados numa ordem de prioridade e reescritos de acordo com valores específicos” (VENUTI, 2019, p. 90-91). É nesse sentido que Venuti (2019, p. 96) considera os efeitos da tradução como imprevisíveis e determinados por muitos fatores culturais e sociais diferentes. Além disso, como pondera Freitas (2008) Venuti avalia que o objeto literário deve ser entendido diante de uma contingência ideológica situada em um determinado momento histórico. Portanto, muitas das ideias exploradas xxx, embora formuladas no final do século XIX, e se tratar sob um ponto de vista eurocêntrico sobre a exploração da floresta Amazônica, podem estar em simetria com a realidade das questões indígenas do século XXI, conferindo dessa forma uma vitalidade teórica singular para a compreensão do movimento de acumulação do capital e, por conseguinte dos interesses do capitalismo em relação à exploração da floresta amazonense.

### **Conclusões preliminares**

Na abordagem dos estudos descritivistas da tradução, especialmente em Toury (2012) e Lambert (2017), o processo da tradução pode ser regulado por um conjunto de critérios, como considera Lambert (2017), no qual todos os aspectos funcionalmente relevantes de uma determinada atividade tradutória em seu contexto histórico, suas características textuais, sua recepção e aspectos sociológicos como distribuição e crítica da tradução desempenham um papel muito importante na cultura de chegada para o desenvolvimento dos sistemas culturais. Nesse sentido, a literatura de viagem das mulheres europeias do século XIX, principalmente aquela realizada no continente sul-americano, pode contribuir para o entendimento da perspectiva do olhar etnocêntrico, principalmente, no que se refere ao pensamento do século XIX nas descrições sobre os povos originários, a natureza, às ideias sobre a propriedade privada da terra, tais elementos, portanto subordinados à lógica do capital expansionista e expropriadora (HARVEY, 2016).

Enfim, os livros diários de O. Coudreau são significativos para a construção da imagem do novo mundo e da relação aventuresca de se lançar ao desconhecido como prática da conquista de novos espaços territoriais.

### **REFERÊNCIAS**

AMARANTE, Dirce Waltrick do; HINOJOSA, Fedra Rodríguez; SANTOS, Sheila Maria dos (Orgs.). *Teóricas da tradução*. Florianópolis, SC: Cultura e Barbárie, 2021.

BIBLIOTHEQUE NATIONALE FRANCE. Foto Marie Octavie Coudreau. 2022. Disponível em : [https://data.bnf.fr/fr/17773456/marie-octavie\\_coudreau/](https://data.bnf.fr/fr/17773456/marie-octavie_coudreau/). Acesso em: 29 nov. 2022.

- BIBLIOTHEQUE NATIONALE FRANCE. Capa livro *Voyage au Cuminá*. 2022. Disponível em : [https://data.bnf.fr/fr/17773456/marie-octavie\\_coudreau/](https://data.bnf.fr/fr/17773456/marie-octavie_coudreau/). Acesso em: 29 nov. 2022.
- BIBLIOTHEQUE NATIONALE FRANCE. Cartografia Rio Cuminá. 2022. Disponível em: <https://essentiels.bnf.fr/fr/image/75dfc0ea-90d4-40fd-baba-36fd8728acc2-octavie-coudreau-et-sa-carte-dur-rio-cumina>. Acesso em: 05 dez. 2022.
- BOURDIEU, Pierre. Le marché des biens symboliques. *L'Année sociologique*. Paris, vol. 22, p. 49-126, 1971.
- BOURDIEU, Pierre. La production de la croyance: contribution à une économie des biens symboliques. *Actes de la recherche en sciences sociales*, Paris, n. 13, p. 3-43, 1977.
- BOURDIEU, Pierre. *Les règles de l'art. Genèse et structure du champ littéraire*. Paris: Seuil, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. Une révolution conservatrice dans l'édition. In : *Actes de la recherche en Sciences Sociales*. Paris: MSH, p.3. 1999.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1989.
- COUDREAU, Marie Octavie. *Voyage au Trombetas*. Paris : Lahure, 1899.
- COUDREAU, Marie Octavie. *Voyage au Cuminá*. Paris : Lahure, 1900.
- COUDREAU, Marie Octavie. *Voyage au Curuá*. Paris : Lahure, 1901.
- COUDREAU, Marie Octavie. *Voyage au Mapuerá*. Paris : Lahure, 1902.
- COUDREAU, Marie Octavie. *Voyage au Maycurú*. Paris : Lahure, 1903.
- CHESNAIS, François. *La finance mondialisée*. Paris: Editions la découverte, 2004.
- CRONIN, Michael. *Translation and Globalization*, London and New York: Routledge, 2003.
- CRONIN, Michael. *Eco-translation, Translation and Ecology in the Age of the Anthropocene*, London and New York: Routledge, 2017.
- COELHO, Matheus Camilo; BENCHIMOL, Alegria; MIRANDA, Elis de Araújo. Henri Cou-dreau e a “vulgarização” amazônica: os índios Juruna, Tapayuna e Parintintin (1895-1896). *Novos Cadernos NAEA*, [S.l.], v. 22, n. 3, dez. 2019. ISSN 2179-7536. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/6969>. Acesso em: 17 set. 2022.
- GUERINI, Andreia; TORRES, Marie, Cathérine.; COSTA, Walter, Costa.(Orgs.) *Literatura traduzida e literatura nacional*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.
- HARVEY, David. *17 Contradições e o Fim do Capital*. 1 ed. São Paulo, Boitempo, 2016.
- HEILBRON, Johan; SAPIRO, Gisèle. Por uma Sociologia da Tradução: Balanço e Perspectivas. *Graphos*. João Pessoa, Vol 11, N. 2, Dez./2009.
- HEINTZE, Beatrix. Hidden transfers: luso-africans as european explorers' experts in nineteenth-century West-Central Africa. In: LANDAU, Paul Stuart. *The power of doubt: essays in honor of David Henige*. Madison, Wisconsin: University of Wisconsin-Madison, 2011.
- LAMBERT, José. “Sobre a descrição da tradução” tradução de Marie-Hélène Catherine Torres & Lincoln Fernandes, In *Literatura & Tradução: Textos selecionados de José Lambert, Andréia Guerini, Marie-Hélène Catherine Torres & Walter Costa (org.)*, Rio de Janeiro, 7Letras, 2011.

SOUZA FILHO, D. *Os retratos dos Coudreau: índios e miscigenação através das lentes de um casal de visionários que percorreu a Amazônia em busca do “bom selvagem”* (1884-1899). 2008. 219 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. Tradução e ética: a problemática da retroconversão. In: GUE-RINI, Andréia; TORRES, Marie Hélène Catherine; FERNANDES, José Guilherme (Orgs.). Tradução de relatos de viagem sobre a Amazonas. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 41, nº esp. 1, jan/jul, 2021. p. 174-184. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/issue/view/3201>. Acesso em 18 set. 2022.

TOURY, Gideon. *Descriptive Translation Studies – and Beyond*. Benjamins, 2012.

VENUTI, Lawrence. *Escândalos da tradução*. Por uma ética da diferença. São Paulo: UNESP, 2019.